

ESTUDO E PESQUISA COMO MODO DE VIDA

Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas¹; Denis Avelino²; Roseane Nascimento da Silva³

- 1 - Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió. dmoa1406@gmail.com;
2 - Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió. denisavelino@yahoo.com
3 - Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió. silvaroserns@yahoo.com

Resumo

Estudo e pesquisa, modos de existir no mundo com os outros, exercitados com o método da leitura imanente, possibilitam os sujeitos pedagógicos revolucionarem a si mesmos e, na medida em que se constituem como política pública, estatal e/ou governamental, toda a sociedade. Estudar e pesquisar constituem em uma política que organiza a vida das pessoas, em uma determinada sociedade. Estabelece correlações com todas as organizações sociais, e, nestas correlações, estão implicadas até o osso, nas dinâmicas do ordenamento territorial. Porque é um trabalho de si, em si, por si e para si. Nisto o método da leitura imanente contribui para promover esta revolução nos sujeitos pedagógicos. Assim vivenciados, estudo e pesquisa, como modo de viver, são incompatíveis com a vida requeridos pela reprodução social e simbólica do capital.

Palavras-chave: estudo; pesquisa e formação de si.

Introdução

Na luta pela *formação de si* a vida nos reserva a companhia de pessoas que nos amam e odeiam. O que não poderia ser diferente, dadas as nossas características humanas e posições políticas e ideológicas. Nesta luta encontramos pérolas que nos encantam e animam. Nos mobilizam, nos fazem agir, potencializa nossas inspirações e esperanças no ser humano. Sentimento semelhante quando nos encontramos diante de uma autêntica obra de arte. A pérola a que nos referimos são as obras de Pierre Hadot, que se impuseram a nós pela necessidade de fundamentarmos filosoficamente o método da leitura imanente: [1] O que é filosofia antiga?; [2] A filosofia como maneira de viver; e [3] Exercícios espirituais e filosofia antiga.

Entre as leituras que realizadas em 2017: as obras literárias de Lukács¹; as reflexões marxistas sobre educação²; e as obras acerca da ciência de Pierre Bourdieu³, devo confessar

¹ Marx e Engels como historiadores da literatura; A alma e as formas: ensaios; O jovem Marx e outros escritos de filosofia; O romance histórico.

que as leituras das obras de Pierre Hadot, entre os diversos artigos sobre filosofia antiga, tiveram importância inestimáveis considerando o programa que desenhamos para nossa formação intelectual nos próximos anos. Nesse breve registro sobre *Estudo e Pesquisa como Modo de Vida: o que a formação de si reserva aos homens e mulheres de bem?* Gostaria de iniciar com um extrato de texto de Friedmann, citado por Pierre Hadot, em sua obra *O que é filosofia antiga?*

O texto de Friedmann, que inicia este artigo, propõe um desafio a todos nós, professores e estudantes: a ênfase na dignidade humana. Ele possibilita refletir sobre a viabilidade de uma formação de sujeitos pedagógicos comprometida com a dignidade humana. Postulamos que este é o propósito basilar da formação de si. Leiamos, então, o texto de Friedmann:

‘Levantar seu voo’ cada dia! Ao menos um momento, por breve que seja, persiga o que lhe seja intenso. Cada dia ‘um exercício espiritual’ – sozinho ou em companhia de um homem [ou qualquer pessoa] que queria melhorar [o modo de viver].

Exercícios espirituais⁴. Sair da duração [do tempo contínuo e se apropriar dos lugares onde existimos]. Esforçar-se para despojar-se de suas próprias paixões, as vaidades, a sensação de ruído em torno de seu nome (que de um tempo a outro, o atinja como um mal crônico). Fugir da maledicência. Despojar a piedade e o ódio. Amar todos os homens [e mulheres] livres. Eternizar-se superando-se.

Esse esforço sobre si é necessário⁵, essa ambição –justa. Numerosos são aqueles que se deixam inteiramente absorver pela política militante, pela preparação da Revolução social. Raros, muito raros, aqueles que, para preparar a Revolução, querem se tornar dignos⁶ (p. 388).

² Pistrak: Fundamentos da escola do trabalho, Ensaios sobre a escola politécnica e Escola-comuna; Krupskaya: A construção da pedagogia socialista; e o livro de Cecília Luedemann – Antônio Makarenko: vida e obra – a pedagogia da revolução. Todas essas obras foram publicadas pela editora Expressão Popular.

³ A profissão de sociólogo; Lições de aula; Meditações pascalinas; A produção da ciência: contribuição para uma economia dos bens simbólicos; Para uma sociologia da ciência; Os usos sociais da ciência: por uma sociologia crítica do campo científico; El ofício de científico: ciência de la ciência y reflexividad.

⁴ Estudos e pesquisas devem ser vividos, também, como “exercícios espirituais”

⁵ O estudo e a pesquisa são exatamente isso que sugere Friedmann: “esforço sobre si”. Uma forma concreta de labor: “trabalho de si, em si, por si” e para si. Isto é, sobre o corpo e a alma: a interioridade de todos nós.

⁶ Eu penso ser muito raro, quase impossível, os militantes políticos que participam na organização das revoluções sociais não serem “dignos”. Pois a participação e a militância para esse propósito já o é em si mesmo. Tal dignidade é imanente a esta militância, pois para ser um militante desta causa exige-se de toda e qualquer pessoa a superação da indiferença com o outro oprimido e explorado. Nenhum revolucionário o é naturalmente, é resultado de uma luta intensa e incessante, que conforma um desdobramento fecundo de formação da consciência de si no mundo, uma consciência que vai se fazendo na superação da consciência oprimida e alienada pela consciência combativa. Esta se forja nas frentes de lutas. Portanto, decorre de uma profunda ruptura com os valores conservadores de nossas sociedades. Revolver pela raiz pressupõe, assim, coragem. Ora, não há coragem indigna!

De acordo com Friedmann devemos “levantar voo cada dia! Ao menos um momento, por breve que seja, [e que] persigamos o que nos seja intenso [e vivaz]”. Para a perspectiva da *formação de si* dos sujeitos pedagógicos esse “voo” realizado diariamente pode ser vivido por meio do estudo, pesquisa, leitura. E estas atividades podem ser orientadas pela escrita de si, meditação, exame de consciência, entre outras técnicas de si (técnicas incorporadas aos aplicativos do método de leitura imanente –refletiremos adiante sobre isto). Mas é importante registrar e pensar criticamente no que for identificado como relevante nesse “voo”, que não deixa de ser labor e vida. Mas registrar e escrever de forma sistemática e regular, como sugerido pelo método da leitura imanente; mesmo que “só ou acompanhado [por amigas e amigos] que queiram melhorar” e fazer progredir suas potencialidades humanas, intelectuais e literárias.

Metodologia

Registremos tudo. Tornemos tais “atividades humanas sensíveis” um fato sociogeohistórico relevante. Façamos dessas atividades acontecimentos imprescindíveis às nossas vidas e existências. A formação de si é uma atitude singela em favor da vida. Ela nos obriga a importarmo-nos conosco e a valorizar cada gota de vida. A importar-se com o que fazemos e com o que vivemos. Não tratemos a nós mesmos, o que vivemos e fazemos, com desprezo, descaso e banalidade. Como se estudar e pesquisar, modos tão singulares de viver, fosse *não fazer nada ou atividades improdutivas*. Portanto, sem qualquer valor social. O que leva muitos a pensarem o estudo como atividade dissimuladora que nega as formas dignas e autênticas de trabalho humano.

Entre as classes sociais humildes é comum tratar as atividades intelectuais como atividades secundárias, quando se considera as atividades que determinam a vida. Isto é, que reproduzem as condições materiais de existência. Por isso, dentro de uma hierarquia de atividades relevantes, considerando-se a ordem das importâncias vitais, aquelas que comprometem a sobrevivência das pessoas, o trabalho assalariado, na sociedade capitalista, tende a aparecer em primeiro lugar. E, paratanto, é necessário se profissionalizar. Mas por que nos oprimir e nos obrigar a trabalhar com o único propósito de obter uma remuneração, em atividades que não nos proporciona qualquer prazer? Não corrompemos, por pensar e agir deste modo, nossa interioridade, por riquezas e/ou poder? O que nos obriga nos ocuparmos com o que nos violenta física, simbólica e moralmente? Ora, vivemos apenas uma vida e ela precisa fazer sentido para nós: sentido para o que fazemos e o que vivemos!

Sabem me dizer, por exemplo, as razões de ser professor? E de ser estudante? Qual o sentido e o impacto das atividades escolares e laborais em nós e nos outros? Quais os sentidos e impactos dessas atividades na humanização e libertação humana (não podemos esquecer de que nelas, nós mesmos, professores e estudantes, participamos intensamente, seja nos omitindo ou tomando partido)?

Então, paremos para pensar, “pelo menos um momento, por breve que seja, e persigamos o que em nos é intenso e vivaz. Em cada dia estudemos, pesquisemos, leiamos, escrevamos e registremos, de forma regular e sistemática, conforme sugere o método da leitura imanente”. E transformemos a nós mesmos, “sem medo de ser feliz”, por meio desse trabalho que é o estudo e a pesquisa, atividades humanas sensíveis. Tenhamos coragem de esculpir nosso ser. E, como artesãos⁷ e o cuidado necessário lapidemos nossas almas, espíritos ou consciências; em uma palavra: nossa interioridade. Realidade inalcançável por outros meios que não o trabalho de si, em si, por si e para si. Trabalho que caracteriza propriamente o projeto da formação de si. Permitamo-nos, em liberdade, agir sobre nossos corpos, tornando-os belo e fortes espiritualmente.

Estudo e pesquisa, critérios para a conquista da sabedoria, são exercícios espirituais da maior grandeza, descobertos pelos gregos atenienses para o bem viver de toda humanidade. Eis o maior mérito dos filósofos antigos ressaltado por Pierre Hadot. Eles permitem professores e estudantes atuarem como terapeutas de si mesmos, medicarem suas almas, forjarem a tranquilidade merecida e a serenidade necessária, para o espírito fluir. E, assim, conquistarem a sabedoria de si e do mundo cósmico. É desta forma que os sujeitos pedagógicos encontram-se consigo na docência em formações recíprocas.

Sabemos que o trabalho de si, em si, por si e para si, com estudos e pesquisas, fortalece a confiança de si; a autoridade intelectual de si; desperta, mobiliza e promove o encorajamento dos sujeitos pedagógicos; faz brotar autoestima nesses sujeitos; e quando praticados com regularidade e persistência desenvolvem *habitus* e disposições subjetivas, adormecidas, impensáveis, até então. Estas virtudes transhistóricas são imanentes às conquistas da sabedoria. Portanto, imanente à vida de professores e estudantes que estudam e pesquisam. Mas atualmente, estas disposições são descreditas na própria vida cotidiana escolar, pelos próprios sujeitos pedagógicos, os que vivem e entregam-se a este labor, de corpo e alma, sem reservas, intensa e profundamente.

⁷ Artesãos intelectuais: do estudo, da pesquisa e da escrita de si.

Estudo e pesquisa vividos como *askesis*, técnicas de si, exercício espiritual forjam a consciência de si no mundo, vivendo com os outros: professores-pesquisadores e estudantes-pesquisadores. Institui-se, desta forma, nesta constante e regular forma de viver o governo de si contra o governo dos outros, por meio da realização do trabalho de si, em si, por si e para si. Um novo ser humano nasce do útero da formação de si: sujeitos pedagógicos não assujeitados pelo sistema educacional vigente, pelas políticas públicas governamentais e estatais.

A singularidade do método da leitura imanente, desta didática de estudo, desta sequência didática e pedagógica, é que ela tem o poder de projetar os sujeitos pedagógicos para fora do tempo-espaço das obrigações burocráticas, exigidas e demandadas, sempre com muita urgência, por todos os tipos de autoridades que estão acima de nós, e que estão a serviço de uma ordem social que precisa ser posta em funcionamento, a qualquer custo. E não se sabe o porquê ou por ordem de quem!

O problema é que o funcionamento ativo dessa ordem social do capital desativa e anula as prioridades vitais de todos nós: professores e estudantes; desorganiza nossas vidas; impede que vivamos o que desejamos viver. Impede que persigamos o que ferve em nós como vontade intensa, quase obsessiva: a sede de conhecer e saber mais sobre nós, a natureza e o cosmos. Necessidades que apenas podem ser saciadas por meio do estudo e pesquisa, com a realização do trabalho de si, em si, por si e para si. E, em nome de quê e por quê se nega tal trabalho aos sujeitos pedagógicos?

Esta projeção dos sujeitos pedagógicos para fora do tempo-espaço das obrigações urgentes e burocráticas do “mundo da pseudoconcreticidade”, ocorre no ato da apropriação dos espaços sociais, com o estudo e a pesquisa. Porque, para vivenciar essas atividades, com a intensidade necessária e a concentração requerida, é preciso organizar e/ou reorganizar os lugares onde concretamente existimos: residências e bibliotecas, ou qualquer ambiente de estudo. E, até, possivelmente, criar e recriar novos espaços para entregarmo-nos aos estudos e as pesquisas, como exercício espiritual.

Portanto, é necessária uma luta persistente para desfazermos das necessidades supérfluas, solicitadas sempre para ontem. Por exemplo, das atividades das redes sociais que tanto nos ocupam com suas incessantes mensagens. Impedir que sucumbamos nos programas de televisão que programam e reprogramam continuamente nosso tempo e nossas vidas, e sempre com novos programas e programações. É “necessário [também] desprendermo-nos das paixões, vaidades” e consumismo, que “nos atingem como um mal anacrônico”; que a

família contribua nestas frentes de lutas e, que, entre tantas ocupações mais prazerosas o estudo e a pesquisa sejam assumidos como prioridades absolutas pelos sujeitos pedagógicos. É preciso, então, impormo-nos, a nós mesmos e por nós mesmos, tais atividades intelecto-espirituais.

A frequência e regularidade das técnicas de si: estudar e pesquisar, estão comprometidas com um princípio ético antigo, incorporado pelos escritores cristãos progressistas da *teologia da libertação*, que crispam com a *teologia da escravidão*, além de ter orientado revoluções burguesas e proletárias, bem como as lutas de libertação contra o colonialismo europeu e norte americano, lutas ocorridas na América Latina, Central e do Sul, e em toda a África. Este princípio é: “amar todos os seres humanos livres”.

Gostaria de concluir estas reflexões com o desfecho do livro *O que é filosofia antiga?* escrito por Pierre Hadot.

A vida filosófica antiga sempre foi intimamente ligada ao cuidado do outro e que essa exigência é inerente a vida filosófica [uma vida dedicada ao estudo e a pesquisa, um modo de vida], especialmente quando vivido no mundo contemporâneo. Como diz G. Friedman: ‘um sábio moderno (caso exista) não se desviará hoje –como o fizeram tantos estetas com desgosto– da cloaca dos homens’. Mas dizendo isso, ele reencontra, e nós com ele, os problemas quase insolúveis das relações do filósofo antigo com a cidade. Pois, o filósofo engajado arrisca-se sempre a deixar-se levar pelo ódio e pelas paixões políticas. Eis por que, aos olhos de G. Friedmann, tratava-se, para buscar melhorar a sorte dos homens, de concentrar seus esforços ‘sobre grupos restritos, e mesmo sobre indivíduos’, e ‘sobre o esforço espiritual (a mutação de alguns)’ que acabará, pensava ele, por disseminar-se e irradiar.

O filósofo experimenta cruelmente sua solidão e sua impotência em um mundo despedaçado entre duas inconsciências: a que provoca a idolatria pelo dinheiro e a que resulta da miséria (p. 394) e do sofrimento de milhares de seres humanos. Nessas condições, o filósofo, decididamente, jamais poderá atingir a serenidade absoluta do sábio. Filosofar será sofrer por esse isolamento e por essa impotência.

Mas a filosofia antiga nos ensina também a agir racionalmente e a nos esforçar para viver segundo a norma que é a Ideia de sabedoria, o que quer que aconteça, e mesmo que nossa ação permaneça bem limitada. Como dizia Marco Aurélio: ‘não esperes a República de Platão; satisfaz-te com um progresso ainda que mínimo; considera que não é pouca coisa o resultado desse progresso’ (p. 365).

Em outros termos, estudo e pesquisa são atos de rebeldia e libertação, contra todo e qualquer tipo de escravidão. Sobretudo, a escravidão econômica imposta pelo capital aos trabalhadores assalariados. Essas atividades humanas sensíveis, através de diversas civilizações, permitiram a eternização da humanidade, na superação contínua dos obstáculos humanos e naturais. Fizeram recuar esses obstáculos na mesma medida que afirmou a humanidade do ser humano e suas forças potenciais. Contudo, continuamos a viver em sociedades que não superaram a “pré-história da humanidade”.

Conclusão

O estudo e a pesquisa fundam-se e alimentam-se na ética das virtudes; enquanto a ética de ontológico ou profissional nega aos sujeitos pedagógicos estas ocupações, negam-lhes o tempo socialmente necessário para apropriação de conhecimentos. Estas atividades humanas sensíveis: o estudo e a pesquisa, são vividos e exercitados, intensamente, na elaboração dos quatro momentos do método da leitura imanente: diálogo crítico, mapa das unidades significativas e epistemológicas, diário etnográfico e interpretação compreensiva.

Hoje, no século XXI, vivemos uma escravidão tão mais profunda e radical porque ela se cristalizou na interioridade dos escravos, nos sistemas de percepção e de representação simbólica. Com isto o sistema de relações sociais, comunicativos e linguísticos, conseguem produzir desejos artificiais, em série, e racionalmente, do exterior, com o objetivo de manipular objetos de desejo. Desta forma, as políticas de desejo promovidas pelo capital geram desejos e necessidades supérfluas, e incontroláveis subjetivamente. Tais políticas operam na vontade das pessoas. Com isto a vontade artificial e supérflua, de, por exemplo, ser profissional, é naturalizada.

Ninguém, hoje, em sã consciência, questiona a vontade de ser profissional, imposta a ferro e fogo pelo capital, às mentalidades juvenis de todo o planeta. Ninguém questiona com o poder da crítica essa poderosa ideologia exteriorizada pelo capital, como condição social necessária ao funcionamento das sociedades contemporâneas. Condições que se impuseram pela “mundialização do capital”, nas três últimas décadas do século XX. Inclusive professores e estudantes assimilam, acriticamente, esta ideologia.

Nem as organizações de classe dos professores e estudantes contestam a sujeição de toda uma população de homens e mulheres à ideologia da profissionalização. Muito pelo contrário, enaltecem a ideologia da profissionalização, que acorrenta a humanidade à lei geral de acumulação do capital. Agindo assim, fortalecem a sujeição e subserviência de uns e o senhorio de outros. O esforço para libertamo-nos do “mundo da pseudo concreticidade” é justo e necessário se, como sujeitos pedagógicos (professores e estudantes), ambicionamos conquistar a autonomia intelectual, por meio da liberdade de estudar e pesquisar. E, com isto, conquistarmos uma vida digna e honrada.

O sentido disto, que atribuímos ser possível conquistar por meio do estudo e pesquisa: a dignidade da pessoa humana, que significa existir em liberdade para viver para e pela conquista da sabedoria de si e do mundo, também é reconhecido por Friedmann, quando este ressalta que “numerosos são aqueles que se deixam inteiramente absorver pela política militante, pela preparação da Revolução social. Raros, muito raros, aqueles que, para preparar a Revolução, querem se tornar dignos”.

Entretanto, P. Hadot omite o que para nós é imprescindível, se Friedmann descreve como devemos proceder nas sociedades realmente existentes para nos tornarmos mulheres e homens dignos. O filósofo Sérgio Lessa escreveu um interessante ensaio intitulado *O Revolucionário e o estudo: por que não estudamos?* A sua resposta é um tanto vaga e óbvia: a cotidianidade se lhe revela como grande obstáculo. Tal resposta é, a nosso juízo, insuficiente em termos pedagógicos; além de abrigar limites incontornáveis quando discute o método da leitura imanente. Mas é preciso reconhecer que a formulação da questão, na atual conjuntura da educação brasileira, não deixa de ser relevante. E, se torna bastante pertinente se a endereçarmos ao universo dos professores e estudantes. Se pedirmos para estes responderem: “por que vocês, professores e estudantes da Educação Básica, não estudam?”.

Nossas pesquisas sobre as imbricações entre trabalho pedagógico, currículo e formação humana revelam que os sujeitos pedagógicos não estudam e pesquisam, sobretudo na Educação Básica, em escolas municipais e estaduais, e até federais, porque tais atividades são modos de viver: viver revolucionando a si mesmo⁸. Porque é um trabalho de si, em si, por si e para si. Nisto o método da leitura imanente contribui, de fato e de direito, para promover esta revolução nos sujeitos pedagógicos. Assim vivenciados, estudo e pesquisa, como modo de viver, são incompatíveis com os modos de vida requeridos pela reprodução social e simbólica do capital. Os sujeitos pedagógicos, sobretudo das classes trabalhadoras, não têm outra possibilidade de viver estas atividades, senão através de lutas desesperadas, dividindo suas vidas em tempo de trabalho assalariado e tempo de trabalho dedicado a estudos e pesquisas.

Estudo e pesquisa, modos de existir no mundo com os outros, exercitados com o método da leitura imanente, possibilitam os sujeitos pedagógicos revolucionarem a si mesmos e, na medida em que se constituem como política pública, estatal e/ou governamental, toda a

⁸ Tal modo de viver é antagônico aos modos de viver exigidos pela reprodução ampliada do capital. Que envolve expropriação de conhecimentos e de mais-valor, e que se realiza simultaneamente.

sociedade. Estudar e pesquisar são, assim, não apenas simples atividades escolares, burocráticas e ingênuas. São, concretamente, uma política que organiza a vida das pessoas, em uma determinada sociedade. Por que estudar e pesquisar é um ato revolucionário, rebelde e comprometido com a libertação? Certamente não porque possibilita a descoberta da verdade –o que já é de grande relevância para o ser humano; mas porque constatamos, na sabedoria dos filósofos antigos, que estudo e pesquisa (filosofia) é um modo de vida, uma forma de viver e existir no mundo, uma forma de labor, de ser no mundo com os outros.

Referência Bibliográfica

BEZERRA, Ciro. ***Crítica à Sociologia: conhecimento e educação***. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I: Sociologia do Conhecimento na Modernidade; Volume II: Sociologia da Educação no Século XXI.

_____. ***A conspiração do vampiro: pesquisa, currículo e ensino médio, técnico e profissional no Brasil***. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I e II.

_____. ***Professores desacorrentados na cé(lu)la de aula ou Formação de si: um método para resistir e emancipar***. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2016.

_____. ***Geografia do capital: desenvolvimento territorial, educação do campo e políticas públicas***. São Paulo: Tese (Pós-doutoramento) -Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente. Brasil, 2011.

_____. ***Economia política do trabalho pedagógico***. Maceió : Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2010.

_____. ***Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci***. Maceió: EDUFAL, 2009.

BOURDIEU, Pierre –***A distinção: crítica social do julgamento***. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. ***A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos***. 3ª edição. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. ***O poder simbólico***. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HADOT, Pierre – ***O que é Filosofia Antiga?*** 6ª edição 2014 e 2ª reimpressão 2017, São Paulo: Edições Loyola. 2017.

LESSA, S. – ***O revolucionário e o estudo: por que não estudamos?*** São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

_____. ***Ortodoxia e Leitura Imanente. In: Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo***. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. 09-21.